

**UM ESTUDO DE
ATRAVÉS DO BRASIL: PRÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA
DE OLAVO BILAC E MANOEL BOMFIM**

Marcela Cockell (UERJ)
marcelacockell@hotmail.com

1. Considerações preliminares

A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende de sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar. (CANDIDO, 2000, p. 41).

A proposta de pesquisar a obra *Através do Brasil* tornou-se ainda mais interessante ao perceber o seu caráter interdisciplinar. É preciso ter em mente que o texto literário funciona como um ponto de partida, ou ainda, o eixo referencial para diferentes perspectivas que dependem unicamente de nosso olhar, este sim, nos demonstra a referência, a nossa ênfase em determinada questão.

Dessa forma, considero relevante ressaltar esta obra como um manual didático, inclusive de língua portuguesa, mas também destacar a sua abordagem de ensino: buscando aproximar a leitura com a realidade através de situações, personagens e diálogos reais imersos em uma paisagem que também é existente e minuciosamente descrita pelos autores:

Foi por isso que demos ao nosso livro um caráter episódico, um tom dramático – para despertar o interesse do aluno e conquistar-lhe o coração. A Vida é ação, é movimento, é drama. Não devíamos apresentar o Brasil aos nossos pequenos leitores mostrando-lhes aspectos imotos, apagados, mortos. (BILAC e BOMFIM, p. 47)

E também se preocupando com o método didático, ou seja, em como os professores poderiam fazer bom uso da obra em suas aulas:

O nosso livro de leitura oferece bastantes motivos, ensejos, oportunidades, conveniências e assuntos, para que o professor possa dar todas

as lições, sugerir todas as noções e desenvolver todos os exercícios escolares, para boa instrução intelectual (...). (*Idem*, p. 45).

O livro não é proposto para o uso apenas em língua portuguesa, em suas instruções iniciais intituladas como “Advertência e explicação” os autores sugerem diferentes abordagens da obra para diferentes disciplinas, denominadas como “lições”, como o uso das descrições de paisagens nas “lições de geografia” ou fatos históricos nas “lições de história”. Como veremos, era um romance de formação de jovens e por isso o aspecto nacionalista estava presente como um modo de exaltar a nação desde a escola, e assim, criar o espírito patriótico nos jovens leitores.

Para entendermos um pouco da obra e de seu texto é relevante abordarmos algumas questões: 1. os autores e 2. o recorte histórico. Por fim, como um reflexo dos itens mencionados, um último ponto: 3. o texto – a sua abordagem e seu objetivo como um manual didático, sobretudo, de língua portuguesa. Entendemos, (e sempre aprendemos) nas sábias palavras do professor Cândido na citação que introduz este texto: a importância da questão intemporal em uma obra. Por isso, para notarmos esta intemporalidade da obra, e até mesmo o seu caráter de vanguarda, é necessário situarmos o seu momento histórico e seus autores.

2. *Entrelaçando alguns pontos*

Através do Brasil foi escrito por Manoel Bomfim e Olavo Bilac em 1910. Os dois eram amigos, e em suas biografias esta parceria se repete tanto na organização de outras obras de cunho didático, quanto no trabalho que dividiam no *Pedagogium*¹, naquele início de século XX. Descreveremos a seguir uma breve biografia dos autores.

¹ Criado em 16 de agosto de 1890, pelo governo provisório, através do decreto N° 677, o *Pedagogium* tinha a função de coordenar e controlar as atividades pedagógicas do país e de ser um centro impulsionador e estimulador de reformas e melhorias para o ensino público. Manoel Bomfim atua como subdiretor em 1896 e no ano seguinte como diretor geral (1897), logo após sendo assumido por Olavo Bilac em 1898. Quando Manoel Bomfim é nomeado diretor da Instrução Pública do Distrito Federal em 1899, Olavo Bilac assume o posto de inspetor escolar da capital.

Manoel Bomfim (1868-1932), sergipano da cidade de Aracaju, não tinha como objetivo cuidar do engenho da família, e apesar críticas de seu pai, insistiu em sua decisão de ser médico. Aos dezessete anos mudou-se para a Bahia, onde iniciou o curso de medicina, mas o concluiu no Rio de Janeiro em 1890. Em 1891 foi nomeado médico da Secretaria de Polícia, tornando-se um ano mais tarde tenente-cirurgião da Brigada Policial. Casou-se com Natividade Aurora de Oliveira e se mudou para Mococa, no interior do Estado de São Paulo com o objetivo de clinicar. Teve dois filhos, Aníbal e Maria, sendo que esta veio a falecer com um ano e dez meses de idade no ano de 1894. Para Aguiar (2000, p. 151) a perda de sua filha foi crucial para a sua desilusão pela medicina justamente por não ter conseguido salvá-la. Após abandonar a medicina, regressou ao Rio de Janeiro, e passou a se dedicar aos estudos sociais e a educação. A princípio, escreveu artigos para jornais, ministrou aulas particulares (ensinou português, ciências e história natural) e revisou provas tipográficas. Podemos dizer que o *Pedagogium* foi crucial para a inserção do autor no universo da educação.

O poeta parnasiano Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865- 1918), também conhecido como “Príncipe dos Poetas” estudou medicina e direito, mas não concluiu nenhum dos dois cursos. Muito de sua escrita melancólica era um reflexo de sua própria vida: ficou noivo de Amélia, irmã de Alberto de Oliveira, mas por imposição da família de Amélia, foi obrigado a romper o noivado e ficou solteiro até o fim da vida. Foi jornalista², funcionário público, inspetor escolar e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. De fato, Olavo Bilac foi um autêntico profissional das letras. Além de poemas líricos, escreveu crônicas, livros didáticos, textos publicitários, traduziu e escreveu versos infantis. Sob o disfarce de mais de cinquenta pseudônimos, colaborou intensamente na imprensa da época. Tinha uma preocupação cívica, sendo autor do *Hino à Bandeira*. Sua escrita era marcada pela dualidade, enquanto sua poesia prezava pelo refinado e conservador estilo parnasiano sua prosa seguia o compasso da modernidade:

² Assumiu o cargo de jornalista substituindo Machado de Assis na *Gazeta de Notícias* em 1904.

(...) encontra-se em Bilac, como representante da civilização e crítico do “atraso” urbano carioca, um perfeito porta-voz da *Belle Époque* carioca. Aí está a chave. Sua ironia e piedade estavam reservadas para seus compatriotas e serviam em grande parte para mascarar a vergonha e a raiva. Sua função na equipe de Pereira Passos não era mera conveniência, mas uma forte coincidência de interesses ideológicos – ele se identificava desesperadamente como Rio “civilizado”, uma metamorfose da cidade e do cidadão que ele só podia imaginar em termos de cultura francesa. (NEDELL, 1993, p. 235).

O momento em que estes autores voltam seu olhar à situação da educação brasileira, início do século XX e também conhecida como *Belle Époque* tropical, nosso olhar também se volta para eles. Estes autores representavam a classe intelectualizada brasileira, e eram os grandes formadores de opinião e críticas. Conviviam naquele nicho de modernidade que se formava na então capital federal, o Rio de Janeiro, mas especificamente nos espaços urbanos do centro da cidade: eram onde circulavam as ideias: nas editoras, academias, ruas ou botecos (GOMES, 1993, p. 65).

A *Belle Époque* carioca ou tropical, é uma importante fase na história cultural brasileira que, segundo Needell (1999, p. 39), inicia-se no governo do presidente Campos Salles em 1898 e tem seu auge na administração do prefeito do Distrito Federal Pereira Passos de 1902 a 1906, abarcando o período entre 1898 a 1914. Em linhas gerais, podemos destacar os ideais de modernidade e progresso convivendo com as crises políticas e econômicas da primeira República, em que, inspirada no modelo francês, buscava realizar a vida moderna na cidade através da sua remodelação urbana³. Um sintético panorama desta época é apresentado por Sevcenko (1998, p. 27):

No aã do esforço modernizador, as novas elites se empenhavam em reduzir a complexa realidade social brasileira, singularizada pelas mazes herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajustamento em conformidade com padrões abstratos de gestão social de modelos europeus ou norte-americanos. Fossem esses os modelos da missão civilizadora das culturas da Europa do Norte, do urbanismo científico, da opinião pública esclarecida e participativa ou da crença resignada da infalibilidade do progresso. Era como se a instauração do novo regime implicasse pelo

³ Importantes construções demarcam este período na arquitetura da cidade: a construção da Avenida Central (a partir de 1903), o traçado largo, jardins, edificações e a organização espacial: os prédios do Teatro Municipal, Biblioteca Nacional, Escola de Belas Artes e dos Poderes Legislativo e Judiciário. Tanto o Teatro Municipal (1909) quanto a Academia Brasileira de Letras (1907) são inspirados em modelos franceses.

mesmo ato o cancelamento de toda a herança do passado histórico do país e pela mera reforma institucional ele tivesse fixado um nexo coextensivo com a cultura e a sociedade das potências industrializadas. A compreensão dos fenômenos do subdesenvolvimento e das desigualdades inerentes ao sistema de trocas no mercado internacional levou um longo tempo para germinar e adquirir uma significativa substância crítica entre as elites republicanas. E enquanto essa consciência crítica não amadurecia, prevaleceu o sentimento de vergonha, desprezo e ojeriza em relação ao passado, aos grupos sociais e rituais da cultura que evocassem hábitos de um tempo que se julgava para sempre e felizmente superado.

Como vimos, a atmosfera de modernidade que circulava nos ares da capital era importante, contudo não é apenas na arquitetura que devemos parecer civilizados e prósperos, mas na educação. Para os autores o progresso de um país estava vinculado à educação e à cultura, e para isto a escola deveria ser a responsável por formar cidadãos que contribuíssem com a sociedade. Para isto, também era necessário resgatar as raízes brasileiras, o orgulho pela nação, ou seja, o patriotismo. A educação e o nacionalismo trariam o país para a democracia. E assim, com estes ideais em comum, Bilac e Bomfim tornaram-se parceiros ideológicos também.

Sofremos, neste momento, uma inferioridade, é verdade, relativamente aos outros povos cultos. É a ignorância, é a falta de preparo e de educação para o progresso – eis a inferioridade efetiva; mas ela é curável, facilmente curável. O remédio está indicado: a necessidade imprescindível de atender-se à instrução popular (BOMFIM, 1932, p. 59).

Sua primeira publicação, dentre muitas, foi em 1899 com o título de *Prática da Língua Portuguesa: Livro de Composição para o Curso Complementar das Escolas Primárias*, em colaboração com Olavo Bilac, repetindo a parceria em *Livro de Leitura para o Curso Complementar das Escolas Primárias* (1901) e em *Através do Brasil* (1910):

Através do Brasil também pode ser inserido naquele contexto de desenvolvimento de um forte sentimento nacionalista. Na verdade, a obra busca contribuir com esse intento, embora tempore com menos ufanismo e mais substância a noção de patriotismo, contribuição que os estudiosos atribuem a Manoel Bomfim, uma vez conhecida a obra pessoal de Bilac ou os livros produzidos com outros parceiros. Evidentemente, *Através do Brasil* não foge por inteiro ao padrão dos livros voltados à exaltação da pátria. Um exemplo disso é a idéia de que a natureza é o fundamento da nação. As descrições naturais (paisagens) são marcantes em todo o livro. Elas passam a imagem de beleza, harmonia, grandeza e perfeição, uma espécie de “aquarela” do Brasil. (SANTOS e OLIVA, 2004, p. 17)

Publicado em 1910 pela editora Francisco Alves, trata-se de um livro de leitura para as escolas primárias. O livro em forma de narrativa se desenvolve em torno de uma viagem por todo o país realizada por dois meninos gaúchos que estudavam em Recife, Carlos e Alfredo, o primeiro de quinze e o segundo de dez anos em busca do pai. Após a notícia que seu pai estaria doente, os jovens protagonistas se aventuram em uma longa viagem repleta de paisagens e personagens tipicamente brasileiros, principalmente Juvêncio um jovem sertanejo⁴ que se torna um grande amigo durante esta aventura. Seu percurso se inicia em Recife e termina no Rio Grande do Sul, e é descrito pelos autores de forma a orientar o seu conhecimento sobre o Brasil, se afastando de um modelo enciclopédico.

Segundo Santos e Oliva (2004, p. 17) o livro de Bilac e Bomfim foi inspirado em dois livros didáticos europeus do século XIX. O primeiro é um livro italiano cuja tradução foi adotada em escolas brasileiras: *Cuore* (Coração), de Edmundo de Amicis de 1886 e o segundo é *Le Tour de La France par Deux Enfants* (Viagem ao redor da França por duas crianças) de G. Bruno, pseudônimo de Augustine Fouillé de 1877. Para Lajolo (1982) as duas obras teriam em comum a discussão sobre a identidade nacional, no caso de *Através do Brasil*, segundo Carvalho (1998, p. 253) esta produção de texto de educação moral e cívica resultou em um tipo de “literatura patriótica”, com linguagem brasileira que se aproximava dos jovens leitores, e também influenciou os livreiros como Francisco Alves, editora a qual publicou a obra e principal no ramo dos livros didáticos.

A obra *Cuore*, é destinada particularmente aos meninos das escolas primárias com idades entre nove e treze anos. É escrita na primeira e na terceira pessoas destacando o aspecto descritivo sobre o narrativo, com a utilização de diálogos. Além disso, vale ressaltar sua escrita em forma de diário pelo personagem Enrico, um menino que descreve suas impressões sobre a vida e os fatos vividos no ambiente escolar, segundo Santos e Oliva (2004, p. 6):

O livro destaca três elementos como imprescindíveis para a concretização do processo educativo: o professor, o ato de estudar e a escola. A ênfase na importância do professor é flagrante na narrativa. Ele é mos-

⁴ Juvêncio não tem a idade revelada, mas segundo as descrições é mais velho que os meninos.

trado, principalmente, como companheiro e disciplinador dos alunos. O estudo é destacado como ferramenta indispensável para a superação do estágio de brutalidade inicial do homem; é também visto como estratégia para retirar a criança da pobreza e da vadiagem, além de ser encarado como uma atividade quase que militar. Finalmente, a escola assume um papel decisivo e marcante; uma espécie de cordão umbilical liga o lar àquele que é o primeiro ambiente social da criança.

A obra *Le Tour de la France par Deux Enfants* é considerada um dos maiores sucessos da literatura educacional francesa. Conforme Santos e Oliva (2004, p. 6), a prova disso são as várias centenas de edições que chegam a um total de mais de seis milhões de cópias vendidas. Apesar de ser um livro de leitura, o seu objetivo não é apenas a utilização como prática de leitura, mas também fornecer subsídios para outras disciplinas, como história, geografia, ciências e instrução moral e cívica. O livro nos leva ao momento posterior à derrota sofrida pela França na Guerra Franco-Prussiana (1871). Dois órfãos, André de 14 anos e Julien Volden de 7 anos, partem em busca do tio que vivia em Marselha, ansiosos por ajuda em adquirir a nacionalidade francesa. É o ponto inicial para uma viagem que será uma excursão pela França, como indica o título da obra. De modo geral, segundo Bittencourt (2004, p. 475) a obra também aborda valores como ordem, senso do dever, economia, submissão à classe dominante e, especialmente, o gosto pelo trabalho.

Podemos dizer, que ambas serviram como inspiração para a elaboração de *Através do Brasil* por seus autores, segundo Carvalho (1998, p. 253) esta produção de texto de educação moral e cívica resultou em um tipo de “literatura patriótica”, com linguagem brasileira que se aproximava dos jovens leitores, enfim, “essa literatura revela a presença de uma preocupação em definir a identidade da nação e em desenvolver entre a população infantil o sentimento do patriotismo” (*Idem*, p. 254).

Vale ressaltar a presença do toque pessoal de cada autor em passagens do livro, como na expressão linguística da narrativa buscando a homogeneidade de linguagem, proveniente do conhecimento e da preocupação de Bilac com a unidade linguística do Brasil e de Bomfim em seu amplo conhecimento de psicologia e medicina, ambos voltados para a criança, mas deve-se salientar: a criança leitora.

A linguagem do livro é acessível, com diálogos simples, já que os protagonistas são jovens meninos. Mesmo os personagens adultos são descritos com simplicidade, e com um discurso muito próximo à língua falada. A constante descrição das paisagens presente no texto. Como os jovens personagens estão em constante movimento, um trabalho descritivo torna-se indispensável ao leitor. Cada cidade e seu detalhe são descritos: desde a paisagem até as pessoas que circulam. São apresentados diferentes costumes, trabalhos, comidas e, sobretudo, formas de como diferentes brasileiros viviam em suas culturas.

Num floco de neblina velava a paisagem, nem um morro servia de obstáculo à vista: apenas, aqui e ali, algumas touceiras de vegetação baixa. Havia, em tudo, uma grande animação; os passarinhos cortavam o ar. Parecia que os arbustos, as moitas, os tufos de ervas estavam povoados de ninhos. Saíram trinados de toda a parte; quando aqui se calava um pássaro, dois e três começavam a gorjear mais adiante. Todo o espaço estava cheio dessa música festiva, num concerto incessante.

Tinham andado uns cem metros, quando Juvêncio parou, e voltou-se para os companheiros:

– Tenho uma ideia... Se tomássemos um banho na fonte? Não há nada como um bom banho frio, para restaurar as forças da gente...

– Vamos! Acudiram prontamente Caros e Alfredo.

Enveredaram para o lado da fonte. Foi um verdadeiro regalo o banho àquela hora matinal! (...). (BILAC e BOMFIM, p. 144)

O vocabulário também é de fácil compreensão. Em alguns momentos os autores utilizam termos específicos de determinada região do Brasil, objetos ou ainda expressões. Todas estas expressões estão listadas em um vocabulário no final do livro. Os autores, inclusive, sugerem o uso deste vocabulário e confirmam que o uso destas palavras tinha como objetivo estimular a curiosidade do jovem leitor.

Juntamos ao volume um pequeno léxico, em que damos a significação de alguns termos empregados, dos menos familiares às crianças. Em geral, procuramos dar a estas páginas o tom singelo e a linguagem natural que mais convêm à inteligência infantil; é este um dever rigoroso em trabalho desta natureza (...). (BILAC e BOMFIM, 2000, p. 51).

Sobre a sua publicação, sabemos que o livro teve mais de 60 edições pela editora Francisco Alves, sendo a última em 1962. Em 1910 a obra foi editada e publicada em uma época em que parte significativa da edição dos livros brasileiros era impressa na França.

Segundo Lajolo (BILAC e BOMFIM, 2000, p. 11-32), a obra circulou durante mais de meio século no ambiente escolar, e sua primeira edição teve uma tiragem de quatro mil exemplares, seguida de uma segunda edição em 1913, com a mesma quantidade. Num total de 66 edições, podemos identificar a seguinte enumeração: 1913 (2ª edição); 1921 (7ª); 1937 (30ª); 1948(36ª); 1953 (40ª); 1958 (43ª) e 1959 (44ª edição).

3. *Considerações finais*

Este trabalho procurou tecer algumas considerações ao livro *Através do Brasil* de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, destacando, sobretudo, a sua intemporalidade. A obra pertencente ao início do século XX demonstra a preocupação dos autores com a educação, tanto dos estudantes quanto dos professores. Dentro desta perspectiva, os autores procuraram neste manual suprir a ausência de um livro didático que não se encaixasse no caráter enciclopédico da época. Dessa forma, procuraram um livro de leitura que pudesse ser útil nas aulas de língua portuguesa, e também em outras disciplinas como uma forma de enriquecimento e interdisciplinaridade. Embora esta visão nos pareça tão clara atualmente, podemos dizer que naquele momento foi pioneira. Naquele momento em que as ideias de modernidade efervesciam a escola era o lugar em que se formavam os cidadãos do futuro e, de fato, o progresso de uma nação.

Dessa forma a pesquisa em torno da obra persiste e se torna enriquecedora quando é possível notar novos olhares sobre a obra e este é o objetivo de sua contribuição.

Por fim, retornarei a Bilac, que se aventurou em sonhos de modernidade não por acreditar em uma revolução cultural, sendo assim, entendo que suas palavras sempre foram poesia:

Talvez algum dia, nas linhas que a minha fantasia tem derramado por aqui, alguma alma tenha achado um pouco de consolo e prazer. E isso basta para que a minha pena continue a escrever e para que meu espírito continue a sonhar. (BILAC, 1996, p. 60).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Ronaldo Conde. *O rebelde esquecido: tempo, vida e obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- BILAC, O.; BOMFIM, M. *Através do Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. (Prefácio Marisa Lajolo)
- BILAC, Olavo. *Vossa insolência*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- BOMFIM, Manoel. *O progresso pela instrução*. Rio de Janeiro: Instituto Profissional, 1904.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- JORGE, Fernando. *Vida e poesia de Olavo Bilac*. 5. ed. Osasco: Novo Século, 2007.
- LAJOLO, M. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- SANTOS, Claudfranklin Monterio; OLIVA, Terezinha A. As multifaces de através do Brasil. *Revista Brasileira de História*. Vol. 24, nº. 48. São Paulo: ANPUH, jul-dez, 2004.
- SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.
- _____. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio (Volume 3). São Paulo: Cia das Letras, 1998.